

20 de Janeiro de 2019

2.º Domingo do Tempo Comum, Ano C



O Evangelista João mostra o cuidado de reler a experiência de Jesus a partir do livro do Génesis. Com efeito, como no Génesis, João começa a sua narrativa com a expressão "no princípio"; e como no Génesis, ele desenvolve este início da narrativa de uma semana, dia após dia.

Tudo se passa como se estivéssemos diante de uma nova criação. Da mesma forma como Deus tinha criado o mundo e o homem em seis dias – e descansado ao sétimo – assim Jesus recreou o homem e a realidade. Fez reviver a criação e devolveu-lhe a sua beleza original. Reenvia-a ao seu verdadeiro começo, ou seja, ao Pai.

A passagem que acabámos de ouvir hoje (João 2,1-11) começa exactamente com um indicador temporal "no terceiro dia houve um casamento..." (João 2,1)). João tinha feito a narração dos três primeiros dias passados na Galileia, onde se formou à sua volta o primeiro núcleo de discípulos (João 1,19-51). E aí, ao terceiro dia, participou nestas bodas.

É preciso determo-nos nestas indicações temporais. Estamos no sexto dia, ou seja, no dia da criação do homem; mas João quer também precisar que foi no terceiro dia depois da sua chegada à Galileia. E este "três" remete-nos para o grande dia da Aliança contado no capítulo XIX do Êxodo (19,1;19,16). No terceiro dia Jesus revela-se ao povo numa grande teofania e dá a Israel as 10 palavras (os dez mandamentos) que serão a base da sua relação, e assim, da sua Aliança.

Mas que quer então dizer o Evangelista João quando refere estas indicações temporais no episódio das bodas de Caná? Qual é esta nova criação? Qual é esta glória (João 2,11) que Jesus revela aos seus?

Esta nossa interrogação é necessária porque em Caná nada de extraordinário aconteceu.

Jesus está numas bodas e o vinho acaba (João 2,3). É efectivamente um problema, mas não é um acontecimento dramático, Jesus não está perante uma questão de vida ou morte.

No entanto, este milagre é tão importante que João sublinha que foi o primeiro de outros sinais que Jesus dará e que, com ele, Ele manifestou a sua glória. Graças a este primeiro sinal, os discípulos acreditaram Nele (João 2,11).

Em Caná, nada de sensacional acontece a não ser um facto normal que se revela ser uma ocasião importante para Jesus aí fazer o seu primeiro milagre. E fá-lo de uma forma excessiva que pode parecer desadequada. Mas a alegria do jovem casal merece bem esse excesso paradoxal de amor e de dádiva. Eis aqui o homem novo que Jesus criou: o homem que Deus ama de forma excessiva, o homem a quem Deus revela este amor e esta palavra.

E os discípulos são chamados a acreditar precisamente nisto, a ver a glória de Deus que se revela, não como no Monte Sião entre raios e trovões, mas na alegria reencontrada dos noivos.

Mas qual é a condição para que isto possa acontecer?

Julgo que o texto nos propõe pelo menos duas.

A primeira encontra-se em Êxodo 19, quando da proclamação da vinda de Jesus, o povo exclamou: "tudo o que o Senhor disse nós o faremos" (Ex 19,8). E é com esta mesma expressão que Maria diz aos criados em Caná: "Fazei tudo o que Ele vos disser" (João 2.5).

A condição para que estes novos crentes possam receber o novo vinho da nova aliança é "fazer a Palavra". Entregar-se com uma total confiança à Palavra do Senhor. Esta Palavra que, desde o início, fala do amor por nós e do desejo de ter connosco uma relação matrimonial, íntima e única"

Onde nos levará esta obediência de amor?

O Evangelista João diz-nos que esta obediência nos leva a Betânia. É precisamente aí que encontramos o episódio "reflexo" das bodas de Caná. Estamos no primeiro dia da última semana de Jesus (João 2,1). Uma mulher exprime o seu amor por Ele unguindo-o com um precioso óleo de nardo.

As bodas começam em Caná, mas terminam em Betânia. É aí que a esposa responde ao amor do seu Senhor com a mesma superabundância de dádivas.

A segunda condição é-nos indicada pela Mãe do Senhor; a de pedir a Ele, e não a outros, o vinho (João 2,3). Maria não se dirige ao chefe de mesa nem a qualquer outra pessoa pois ela sabia que ninguém podia ter o vinho que faltava.

Há, no coração dos homens, uma falta radical de vida e de amor; e esta nova abundância de vida brotará para todos da fonte que nascerá ao lado de Jesus, no terceiro dia. E é aí que será evidente que a glória do Senhor foi a de nos ter amado até ao fim.

+Pierbattista